

“Feliz se puede llamar el Paraguay, abastecido de muchos bellos ríos [...]”: as águas, suas características e usos pelos indígenas na obra *Paraguay Natural Ilustrado*, de José Sánchez Labrador (1771-1776)¹

“Feliz se puede llamar el Paraguay, abastecido de muchos bellos ríos [...]”: the waters, their characteristics and uses by the indigenous people in the work *Paraguay Natural Ilustrado*, by José Sánchez Labrador (1771-1776)

Lóren Cantiliano Ximendes,² UFPEL

Resumo

A Companhia de Jesus atuou na evangelização das populações nativas da América. Os missionários desta ordem religiosa, no entanto, não ficaram restritos às atividades religiosas, e muitos deles se dedicaram à medicina, ao ensino, ao estudo de outras áreas como a filosofia e, ainda, à observação da natureza. Essas atividades eram de extrema importância para identificação de novas plantas e animais, a expansão do conhecimento geográfico dos territórios americanos em que atuavam como missionários e a identificação das possibilidades de exploração econômica. Foi observando a natureza que o jesuíta José Sánchez Labrador escreveu a obra *Paraguay Natural Ilustrado*, que será analisada no presente trabalho. Nela, além podermos identificar as impressões do autor sobre a natureza americana, baseadas em pressupostos religiosos e científicos do século XVIII, pode-se constatar seu empenho em descrever como os indígenas se relacionavam com a fauna, a flora e com os demais recursos naturais. Neste artigo, enfocamos, especialmente, as descrições das características e dos diferentes usos que os indígenas faziam dos recursos hídricos existentes na Província Jesuítica do Paraguai, que, em sua extensão, abrangia também o território que hoje denominamos de Paraguai.

Palavras Chave: José Sánchez Labrador; Companhia de Jesus; Paraguai; Indígenas.

Abstract

The Society of Jesus worked to evangelize the native populations of America. The missionaries of this religious order, however, were not restricted to religious activities, and many of them dedicated themselves to medicine, teaching, the study of other areas such as philosophy and the observation of nature. These activities were extremely important for identifying new plants and animals, expanding geographic knowledge of the American territories in which they worked as missionaries and identifying possibilities for economic exploration. It was by observing nature that the Jesuit José Sánchez Labrador wrote the work *Paraguay Natural Ilustrado*, which will be analyzed in this work. In it, in addition to being able to identify the author's impressions of American nature, based on religious and scientific assumptions from the 18th century, we can see his commitment to describing how indigenous people related to fauna, flora and other natural resources. In this article, we focus, in particular, on the descriptions of the characteristics and different uses that the indigenous

¹ Este artigo contempla resultados parciais da pesquisa que desenvolvo como bolsista PIBIC/CNPq junto ao projeto “A natureza americana, por seus usos e percepções: Ciência e História em obras manuscritas e impressas de Botânica Médica e História Natural (América meridional, século XVIII)”, coordenado pela Prof^a Dr^a Eliane C. Deckmann Fleck, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

² Graduanda em História (Licenciatura) na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

people made of the water resources existing in the Jesuit Province of Paraguay, which, in its extension, covered also the territory that we today call Paraguay.

Keywords: José Sánchez Labrador; Society of Jesus; Paraguay; Indigenous.

Introdução

José Sánchez Labrador (1714 ou 1717 - 1798) ingressou na Companhia de Jesus entre os anos de 1731 e 1732 e, apenas dois anos depois viajou ao Rio da Prata, onde estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Córdoba, mais tarde, entre 1741 e 1744, atuou como professor na mesma cidade e dedicou-se também aos estudos de História Natural (Joaquim, 2014, p.71). Assim como muitos de seus colegas missionários, Sánchez Labrador não se dedicou exclusivamente à atividade religiosa. Dedicou-se ao estudo de Filosofia e de História Natural, o que permitiu que tivesse contato com diversos pensadores clássicos e de sua época, os quais utilizou para fundamentar suas observações sobre a natureza americana apresentadas na obra *Paraguay Natural Ilustrado*. Para além disso, sua obra também adquire “importância na conexão estabelecida entre saberes locais, indígenas, e saberes europeus” (Capozzi, 2020, p. 136), a partir das descrições que faz das populações indígenas e das relações que elas estabeleciam com o meio ambiente.

Intitulado *Paraguay Natural Ilustrado Noticias de la Naturaleza del Pais Con la explicacion de Phenomenos Physicos Generales, y Particulares: Usos utiles, Que de sus Producciones pueden hacer Varias Artes*, a obra teve sua escrita iniciada na América e concluída durante o exílio do jesuíta em Ravena (Itália), entre 1771 -1776 (Fleck, 2019, p.195). A obra é dividida em quatro tomos,³ sendo que, no Tomo I, encontra-se o livro *Agua, y varias cosas a ella pertenecientes*, que será analisado neste artigo.⁴

De acordo com o missionário jesuíta José Sánchez Labrador:

³ O primeiro tomo divide-se em três Livros: Diversidade de terras e corpos terrestres; Água e várias coisas a ela pertencentes; e Ar, ventos, estações do ano, clima destes países e enfermidades mais comuns. O segundo é dedicado, especificamente, à Botânica. O terceiro divide-se nos seguintes livros: Animais quadrúpedes; as Aves; e os Peixes. O quarto e último toma da obra, conta com os livros: Os Animais anfíbios; os Animais répteis; e os Insetos. O manuscrito original encontra-se no Archivium Romanum Societatis Iesu (ARSI), e a partir da sua consulta e análise foram produzidos diversos estudos, com destaque para as produções de Guillermo Furlong, *Naturalistas Argentinos durante la dominacion Hispânica* (1948); de Aníbal Ruiz Moreno, *La Medicina en “el Paraguay Natural” (1771-1776) del P. José Sánchez Labrador S. J.: Exposición comentada del texto original*, (1958) e de Sainz Ollero, Héctor; Sainz Ollero, Hélio; Francisco Suárez Cardona; Miguel Vázquez de Castro Ontañón, *José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata* (1989). (Fleck, 2015).

⁴ Para fundamentar a análise deste livro, foram realizadas leituras sobre a Companhia de Jesus, sobre a atuação dos missionários na Província Jesuítica do Paraguai, sobre as populações indígenas da região, sobre a escrita no exílio e sobre a história ambiental da região, bem como de trabalhos já escritos sobre a obra *Paraguay Natural Ilustrado* e sobre seu autor. Dentre eles, destaco os trabalhos de Barcelos (2020), Capozzi (2020), Da Conceição (2023), Farion (2007), Fleck (2015, 2016 e 2019), Fleck e Joaquim (2019), Garnero (2023), Joaquim (2014), Pádua (2003) e Patata (2006).

Feliz se puede llamar el Paraguay, abastecido de muchos bellos ríos, fuentes, y manantiales, cuyas aguas por lo general poseen buenas qualidades. El primer fin, que tubó el criador en enriquecer estos Países de un elemento tan necesario a las vidas de sus Habitadores, fue para que satisficiesen su sed, y cocer sus alimentos. También, para que fecundase los campos, conduciendo las lluvias principios ethereos, o substancias sutiles, que nutren las plantas de imensos Bosques, y sazonan los frutos de muchas.⁵ (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 365).

Como o título do livro sugere, nele, Sánchez Labrador apresenta as diferentes classificações das águas existentes na região, seus estados naturais, a localização geográfica dos recursos hídricos, seu uso pelas populações nativas, por exemplo, na produção de bebidas e medicamentos. Considerando os limites de desenvolvimento de um artigo, optamos por nos deter nas descrições que o jesuíta fez dos rios, lagos e lagunas do Paraguai, bem como na relação que as populações indígenas mantinham com estes recursos hídricos. Neste sentido, vale ressaltar que:

No Paraguay Natural Ilustrado, Sánchez Labrador descreve tanto as regiões que conheceu ao longo dos vinte anos em que atuou como missionário na América nos oferecendo valiosas informações sobre a flora, a fauna, a geografia, a geologia e o clima, quanto os grupos indígenas que viviam na vasta Província Jesuítica do Paraguay. Em relação a estas últimas descrições, elas nos revelam muito de seu esforço de compreensão de certas práticas indígenas, a partir de suas próprias experiências ou de relatos feitos por informantes. (Fleck; Joaquim, 2019, p. 33).

É importante considerar que a escrita da obra esteve marcada pela condição de religioso (jesuíta) e de europeu de José Sánchez Labrador, bem como pelas observações que fez e experiências que pôde ter enquanto atuou como missionário, pelas leituras que realizou, pelas cartas que escreveu e recebeu e, especialmente, pelo período de exílio que viveu após a expulsão da Companhia de Jesus da América em 1767.⁶ Durante os anos que viveu em Ravena, na Itália, Sánchez Labrador teve acesso à produção intelectual de outros jesuítas expulsos e também ao valioso acervo da biblioteca da cidade em que permaneceu até sua morte. As informações que ele traz ao longo dos vários tomos da obra e as avaliações que faz sobre a natureza e sobre os nativos são, portanto, resultantes de sua formação como religioso,

⁵ “Feliz pode-se chamar o Paraguai, abastecido de muitos belos rios, fontes e nascentes, cujas águas em geral possuem boas qualidades. O primeiro fim que levou o Criador a enriquecer esses países com um elemento tão necessário para a vida de seus habitantes foi para que sanassem sua sede e cozinhassem seus alimentos. Também para que fecundasse os campos, conduzindo as chuvas, princípios etéreos ou substâncias sutis, que nutrem as plantas de imensos bosques e temperam os frutos de muitas.” (Tradução própria).

⁶ A expulsão dos jesuítas da América Espanhola ocorreu em 1767, oito anos após a expulsão dos jesuítas dos territórios portugueses. Apesar da diferença temporal, ambas tiveram causas semelhantes, tais como o reforço da autoridade real diante da grande autonomia que os missionários possuíam nos territórios coloniais americanos. A expulsão resultou não apenas no exílio dos religiosos, mas também no confisco de bens que os jesuítas haviam acumulado na América (Carvalho; Sarmiento, 2015).

de suas experiências como missionário na América platina, do diálogo que estabeleceu com outros religiosos e homens de ciência e da sua condição de jesuíta expulso e exilado na Itália.

Cabe lembrar que na segunda metade do século XVIII, alguns naturalistas, como o conde de Buffon e Cornelius De Pauw, caracterizaram a natureza americana e suas gentes como inferiores ou degenerados, dando início ao que foi denominado “Polêmica do Novo Mundo”. Segundo Oliveira (2011, p. 2) “a debilidade da natureza americana, [era] evidenciada através de seus pequenos animais, especialmente os mamíferos, de sua umidade, da existência de uma grande quantidade de répteis, anfíbios e insetos (seres tidos como pestilentos e danosos), entre outros aspectos. [...] os habitantes daquelas terras, vistos como débeis, impúberes, preguiçosos, em suma, degenerados.” Produzida neste contexto, a obra *Paraguay Natural Ilustrado* deve ser compreendida como uma resposta do jesuíta José Sánchez Labrador à “Polêmica do Novo Mundo”, na medida em que, ao longo de suas páginas, a natureza e os nativos americanos são enaltecidos, sendo, sobretudo, destacadas as potencialidades da utilização de sua flora e fauna pelas coroas ibéricas.

Para Fleck (2019, p.73) José Sánchez Labrador, assim como muitos dos missionários jesuítas que atuaram na América, produziu “notável conhecimento científico baseado na observação e na experiência e fundamentado no produtivo diálogo que mantiveram com a ciência e a filosofia modernas”. Além disso, pôde contar “[...] com a colaboração de indígenas, que desempenharam ativamente os papéis de informantes, enfermeiros, parteiras e, também, de copistas, irmãos e padres jesuítas” (Fleck, 2019, p.74).

Devido à importância que os indígenas, suas práticas e saberes têm na obra, optamos por nos deter nas descrições que Sánchez Labrador faz dos rios, lagos e lagunas e nos usos que deles faziam as populações indígenas da Província Jesuítica do Paraguai, acionando o conceito de ciclo hidrossocial proposto por Garneró (2023, p. 97) “*ciclo hidrossocial hace referencia a un proceso socionatural en el que el agua y la sociedad se construyen y rehacen entre sí, en el espacio y el tiempo.*”⁷ No próximo tópico, apresentamos e discutimos as descrições que o jesuíta naturalista fez dos rios.

Os rios do *Paraguay* por Sánchez Labrador

No capítulo II intitulado *Division de las Aguas Simples, y utilidades delos Ríos*, José Sánchez Labrador caracteriza os rios e suas águas da seguinte forma:

⁷ Ciclo hidrossocial faz referência a um processo socionatural em que a água e a sociedade se constroem, se refazem e se relacionam entre si no espaço e no tempo.

Agua de Rios, trahe de su origen delas Fuentes, de los Manantiales, y arroyos; frequentemente es poco pura, y limpia, principalmente en las inmediaciones de las grandes ciudades, y despues de los Temporales. Purificase en su curso, y queda à propósito para calmar la sed, y preparar nuestros alimentos, y para emblancar, ò blanquear Telas. Deshace mejor el Xabon, limpia, y pule mejor los utensilios, porque es virtusa; y finalmente se prefiere para el Arte de Teñir à toda otra suerte de agua (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 309).⁸

Na referência acima é possível perceber a importância dos rios para as atividades diárias, sendo que essa questão é retomada posteriormente em diversas partes da obra, nas quais o autor destaca a importância dos rios para a população do Paraguai. Ainda no mesmo capítulo, Sánchez Labrador ressalta o papel que os rios desempenhavam para a saúde da população através da purificação do ar e da garantia da alimentação através da fertilização dos campos (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 314).

Dentre os rios citados ao longo da obra, destacamos os rios Paraná, Ygay, Pardo, Negro, Uruguai e o Rio da Prata. Entretanto, mesmo que estes rios sejam citados inúmeras vezes, não encontramos informações mais detalhadas e individualizadas sobre eles, pois, na maioria das passagens do livro, encontramos descrições muito abrangentes dos rios, com pouca ou nenhuma especificação. Por vezes, o jesuíta cita a região na qual ele observou algum fato, porém não deixa claro em qual rio ele teria ocorrido, como o faz ao relatar as práticas de banho nos rios paraguaios: “[...] los Indios, y vecinos dela Assumpción se conocen los buenos efectos del nadar, y bañarse en tiempo de calores.”⁹ (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 328). Como podemos observar nessa passagem, é evidenciada a região onde a prática foi observada, mas o nome do rio não é citado. Essa falta de especificação é recorrente durante todo o livro *Agua, y varias cosas a ella pertenecientes*, evidenciando uma atenção maior para as práticas culturais dos povos indígenas do que uma descrição objetiva das territorialidades em que essas práticas eram observadas, pois “nenhuma narração por mais objetiva que se pretenda, está livre da subjetividade do autor. Este pode tanto vir a acrescentar impressões quanto omitir detalhes.” (Franco, 2011, p.75).

Além do uso cotidiano, os rios do Paraguai eram utilizados para a circulação de pessoas e mercadorias. No capítulo III, *Navegaciones por algunos Rios del Paraguay*, o autor

⁸ “A água dos rios, tem sua origem de fontes, nascentes e arroios, frequentemente é pouco pura e limpa, principalmente nas imediações das grandes cidades e depois de temporais. Purifica-se em seu curso e tem como propósito acalmar a sede, preparar nossos alimentos e para clarear ou branquear tecidos. Dissolve melhor o sabão, limpa e pule melhor os utensílios porque é virtuosa, e finalmente, é a preferida entre todos os tipos de água para a arte de tingir.” (tradução própria).

⁹ Os indígenas e os moradores de Assunção conhecem os bons efeitos de nadar e banhar-se na época de calor.

relata alguns dos produtos que eram transportados pelos rios através de lanchas, *pelotas*, barcos, navios, balsas e canoas

Los Barcos del Paraguay cargados ponen assombro, y meten miedo a cada paso. La carga río abaxo es volumosa. Tercío, o Zurrones de Yerba del Paraguay, cada uno de siete, u ocho arrobas, hechos de cueros de Toro. Sacos de Tabaco en manojos, pesando por lo comun cada saco de veinte a treinta arrobas. Pilones, o Panes de Azucar, y cosas semejantes (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 315).¹⁰

Como podemos perceber, uma enorme quantidade de produtos circulava pelos rios da região, sendo que o autor destaca o vasto conhecimento de física dos encarregados das embarcações, que eram, na sua maioria, indígenas e espanhóis, que, mesmo não possuindo instrução formal, demonstravam ter conhecimentos – de física, por exemplo – na hora de guiar os barcos e equilibrar o peso das cargas, evitando que as embarcações afundassem e, desta forma, garantiam sua entrega no destino final. (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 316). Ao destacar a importância dos rios para a circulação de pessoas e, sobretudo, para o escoamento de mercadorias evidencia-se o empenho do missionário em ressaltar a potencialidade econômica da hidrografia da região da Província Jesuítica do Paraguai para a Coroa Espanhola, esse destaque evidencia a constante “alteração de lentes” que o autor executa ao longo da obra, em alguns momentos direcionando a sua atenção para questões culturais e em outros para questões econômicas e de maior interesse para a Coroa Espanhola (Lima, 2019).

Os lagos, as lagoas e, especialmente, suas características e usos pelos indígenas são o tema do próximo tópico.

Os Lagos e as Lagoas: conceituação, localização, caracterização e usos

No capítulo V, *Algunos Lagos, y Fuentes del Paraguay; y del Hielo*, José Sánchez Labrador define lago como:

Lago se llama propriamente una considerable extensión de agua, rodeada de tierra, que nunca se seca, y que no tiene comunicación con el mar sino por medio de algunos ríos, o canales subterráneos. La agua de los Lagos talvez es corriente, y algunas veces estancada: se acerca mucho esta agua a la de los ríos por sus propiedades generales; teniendo el mismo sabor, y usos: es también pura, y sin color, sino en el veneno, en que por lo comun parece algo verde, loque por ventura proviene delas hojas delas plantas aquáticas,

¹⁰ “Os barcos carregados do Paraguai assustam e metem medo a cada passo, a carga rio abaixo é volumosa. Tercío ou bolsas de erva do Paraguai, cada um de sete ou oito arrobas feitos de couro de touro, sacos de tabaco em punhados, cada saco pesando comumente de vinte a trinta arrobas, pilões ou pães de açúcar e coisas semelhantes” (Tradução minha).

que crecen en sus orillas, o fondo.¹¹ (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 329).

Já as lagunas são definidas como, “Las Lagunas rara vez conservan el agua todo el año, y se secan con el rigor de los calores, si no las abastecen los manantiales, o las lluvias” (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 329).¹²

Ao consultarmos a bibliografia, constatamos que a definição de lago que José Sánchez Labrador apresenta continua sendo utilizada por diferentes autores. Herbich e Haney (1982, apud Farion, 2007, p.180) definem lago como um “corpo d’água que foi completamente isolado do mar por processos costeiros. Já Ferreira (1999, apud Farion, 2007, p.180), considera lago como uma extensão de água cercada de terras. Entretanto, a conceituação de laguna apresenta algumas discordâncias, a definição de laguna apresentada por Suguio (1998, apud Farion, 2007, p.181) descreve laguna como “[...] um corpo de águas rasas e calmas situado em planícies costeiras, mantendo comunicação restrita com o mar.” Esta, no entanto, difere da definição de laguna proposta por José Sánchez Labrador, e também da que encontramos no Dicionário da Real Academia Espanhola, que define laguna como “Depósito natural de agua, generalmente dulce y de menores dimensiones que el lago.”¹³ As definições do jesuíta naturalista e que encontramos no Dicionário da Real Academia Espanhol aproximam-se mais da definição de lagoa proposta por Tomazelli e Villwock (1991, apud Farion, 2007, p. 180), para quem “O termo lagoa refere-se genericamente aos corpos aquosos litorâneos, independentemente de suas dimensões ou de seu grau de afastamento ou ligação com o mar.” Considerando a variedade de definições para lagoas e lagunas, entendemos que, ao se referir às lagunas na obra *Paraguay Natural Illustrado*, Sánchez Labrador os tenha descrito como corpos de água que não possuíam nenhuma ligação com o mar.

O capítulo V apresenta vários lagos e lagunas, a saber, Lago de los Xarayes, Lago Maniore, Lago de la Cruz, Lagunas Ybera, y Apupe, Lago de las corrientes e Lago YúpaCaray. Nele, o autor apresenta as características de cada um deles e, algumas vezes, menciona a proximidade que eles possuíam em relação às terras indígenas. No quadro abaixo, apresentamos uma sistematização das informações disponíveis no capítulo em questão, a fim de melhor evidenciar a forma como o jesuíta os definiu, por vezes, ressaltando sua localização

¹¹ “Lago se chama, propriamente, uma considerada extensão de água, rodeada por terra, que nunca seca e não tem conexão com o mar, a não ser por meio de alguns rios ou canais subterrâneos. A água dos lagos é corrente, e por vezes parada. Esta água é muito semelhante da dos rios devido às suas propriedades gerais, tendo o mesmo sabor, e usos, também é pura, e sem cor, exceto no veneno, em que costuma parecer verde, é oriundo das folhas das plantas aquáticas, que crescem em suas margens ou fundo.” (Tradução minha).

¹² “As lagunas raras vezes conservam a água durante todo o ano e secam com a rigurosidade do calor se não forem abastecidas por nascentes ou chuvas.” (Tradução minha).

¹³ “Depósito natural de água, geralmente doce e de menor dimensão que um lago.” (Tradução minha).

geográfica e, em outro momento, mencionando os grupos indígenas que viviam em suas proximidades e que a eles recorriam para abastecimento ou deslocamento:

Quadro 1 - Lagos e Lagunas do Paraguai

Lagos e Lagunas	Populações Indígenas
Lago de los Xarayes	O autor corrige uma informação errônea do <i>Diccionario Geographycó de la America Meridional</i> que relaciona o Lago de los Xarayes com populações Mbaya e Guanas (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 330).
Lago de la Cruz/ Laguna dela Cruz	Além de citar os Mbayas o autor também cita a importância do Lago de La cruz para alimentação dos mesmos graças a loyaga, planta que nasce em suas margens (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 330).
Lagunas Ybera, y Apupe	Ao descrever essas lagunas o Sánchez utiliza das missões dos indígenas Guaranis como ponto de referência (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 330).

Fonte: Elaboração da autora, 2024.

Em relação à descrição que faz do Lago de *los Xarayes*, é possível notar que Sánchez Labrador consultou o *Diccionario Geographycó de la America Meridional*, constatando que ele se equivocava ao descrever sua localização, pois relacionava o Lago de los Xarayes com populações Mbayas e Guanas. Ao descrever as Lagunas Ybera, y Apupe, o autor recorre às missões guaranis como ponto de referência para sua localização. Na descrição que faz do Lago de *la Cruz/ Laguna de la Cruz* o autor opta por destacar a importância do lago/laguna para a alimentação do Mbayas. Mesmo que estas definições não tragam informações muito detalhadas sobre os indígenas, seus saberes e práticas, entendemos que eles estão “implícitos nas rotas trilhadas, novas ou tradicionais, na toponímia, em vozes indígenas, nas descrições da fauna, da flora e do mundo mineral americano.” (Barcelos, 2020, p. 41), e que através deles podemos melhor compreender sua importância para as populações indígenas. Esta questão será tratada no próximo tópico.

A diversidade das águas do Paraguay e seus vários usos

Neste tópico iremos nos deter na apresentação e discussão de passagens que referem a importância que rios, lagos e lagunas têm ao longo da obra, tais como sua utilização para a higiene, hidratação, lazer, preparação de bebidas e medicamentos, e, sobretudo, para a troca de conhecimentos, apesar do estranhamento em relação a algumas práticas.

No capítulo IV, *Fuerza del Agua, algunos de sus provechos, y daños: Pesca curiosa de los Payaguas, Baños, y Salto del Parana*, encontramos menções a certas práticas de pesca empregadas pelos Payaguás e também a banhos de rio, como nesta passagem:

[..] el nadar se cuenta por médicos antiguos, y modernos entre los ejercicios provechosos a la salud, [...] que se hace en esta especie de ejercicio, como en otros muchos, la aplicación dela agua fría, dentro dela qual se nada, contribuye, no solo con su peso sobre la superficie del cuerpo, mas también por su qualidad fría la qual no dexa de ser tal atendida la continua mutación, que se hace delas superficies del fluido ambiente, contribuye, digo, a condensar, y fortificar las fibras, y a acrecentar la elasticidad de estas, y hacer su acción mas eficaz sobre los fluidos; de los cuales impide también la dissolución, y el demasiado enervamiento, y dispación, disminuyendo la transpiración, segun Santorío. Todo esto no puede por menos de ceder en gran provecho en tiempo de verano, quando los grandes calores producen un general desmazalamiento, y relaxación en los solidos, y causan una dexaxión excesiva de fuerzas: [...] Realmente que en los Indios, y vecinos dela Assumpción se conocen los buenos efectos del nadar, y bañarse en tiempo de calores.¹⁴ (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 328).

Nesta passagem, pode-se também observar que Sánchez Labrador acionou referenciais da teoria hipocrático-galênica, que “concebía a saúde como harmonia ou equilíbrio ideal das qualidades (quente, frio, seco e úmido) e dos humores no corpo humano (sangue, bílis amarela, bílis negra e fleuma). (Conceição, 2023, p. 12). Mas não bastava banhar-se para preservar a saúde, pois as águas dos rios deveriam possuir qualidade. Segundo Laudan (apud Pataca, 2006, p.121), “as propriedades das águas também revelavam suas potencialidades terapêuticas e as possibilidades de serem utilizadas nos banhos medicinais, tão em moda no século XVIII.” As menções a estes pressupostos terapêuticos podem ser encontradas também em outros tomos do *Paraguay Natural Illustrado*, como já exposto por Fleck (2015), o que atesta que o jesuíta naturalista não só os considerava adequados, como, através deles, buscava compreender as práticas curativas indígenas e aproximá-las das que eram adotadas na Europa. Ao analisar os banhos e a prática da natação, o autor compara os Mbayás com os antigos gregos e romanos desde os tempos de Hipócrates e Galeno:

¹⁴ “O nado é visto por médicos antigos e modernos como um exercício proveitoso a saúde, [...] que se faz nessa espécie de exercício, como em muitos outros, é a aplicação da água fria na qual se nada, contribui não somente com seu peso sobre a superfície do corpo, mas também por sua qualidade fria, que não deixa de ser dada a mutação contínua que ocorre nas superfícies do fluido ambiente, contribui, para condensar, fortificar as fibras, para aumentar a sua elasticidade e tornar mais eficaz a sua ação sobre os fluidos, do qual também evita a dissolução, a enervação e a dissipação excessiva diminuindo a transpiração, segundo Santorío, tudo isso só é de grande benefício no verão, quando o grande calor produz uma fraqueza geral e um relaxamento nos sólidos, e provoca uma excessiva perde de forças. [...]. Realmente, os indígenas, e os moradores de Assunção sabem os bons efeitos da natação e do banho em clima quente.” (Tradução minha).

Entre los Antiguos Griegos, y Romanos el arte de Nadar formaba una parte [esencial] dela Educación dela Juventud; y asi hablando de un hombre ignorante, y mal criado, salían decir como Proverbio, que el tal no había apreendido ni a leer, ni a nadar. En quanto a la segunda habilidad del Nadar, se admiran también los Indios del Paraguay, de que se hallen hombres, que no sepan nadar. En una ocasión los Infieles Mbayas decían con donayre de mir, que me hundi en un río, y ellos me sacaran vivo, ysano, que que [sic] había aprendido quando niño en mi casa, pues no sabia nadar? (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 327).¹⁵

Fleck e Joaquim (2019, p. 38) explicam que as aproximações eram uma forma de “[...] traduzir os costumes indígenas, descrevendo-os a partir de práticas de outras civilizações.” Entretanto, em algumas passagens é possível notar o estranhamento do jesuíta em relação às práticas indígenas, como na menção que faz à preferência dos Mbayás e Guanas por águas de lagunas ao invés das águas dos rios

Las Aguas estancadas, y encerradas en lagunas de poca extensión, delas quales hay muchas en el Paraguay, tienen por lo comun mucha suciedad, que percibe el gusto, yno pocas veces atestigua el olfacto por lo lodoso del terreno, y putrefacción de algunas substancias. De ordinario tales aguas estan sobre un fondo, o suelo de tierra negra, y bituminosa. Llenanlas de imundicias, y de sales volátiles los reptiles, ylos insectos, que en ellas, o en sus orillas ponen sus huebos, y se mueren. Las plantas, y hurbas, quando se marchitan, y pudren, la basura, que arrastran las aguas llovedizas, hacen, que tales aguas reciban qualidades desapacibles, y muchas veces nocivas. De aquí es, que al paladar delos Indios Mbayas en este punto califique de extravagante: pues aunque hagan alto sobre las márgenes de algun río de buenas aguas, si hay inmediata alguna laguna, de esta beben. Los Indios Guanas casi por necesidad hacen los mismos en sus bosques; bebiendo de anegadizos, y carrizales, (Totorales) cuya agua llega a saber a cieno, y oler a lo mismo. Las Lagunas de suelo de arena limpio, y de algun fondo, experimente siempre de buena agua, principalmente si tenían en si, o cerca manantial, que las surtía. (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 362).¹⁶

Como se pode observar na passagem acima, “As descrições dos indígenas e de

¹⁵ “Entre os antigos gregos e romanos, a arte da natação constituía uma parte essencial da educação da juventude, e assim, ao falar de um homem ignorante e mal educado, diriam como provérbio, que este homem não aprendeu a ler nem a nadar. Quanto à segunda habilidade, a natação, os indígenas do Paraguai também se surpreendem com o fato de haver homens que não sabem nadar. Certa vez, os infieis Mbayas fizeram piada porque eu afundei em um rio, e me tirariam vivo e bem, [e perguntaram] “o que eu aprendi quando criança em minha casa?” pois não sabia nadar.” (Tradução minha).

¹⁶ “As águas estagnadas e presas em lagunas de pouca extensão, das quais existem muitas no Paraguai, costumam apresentar muita sujeira que se percebe pelo gosto, e não raras vezes pelo cheiro, devido ao terreno lamacento e à putrefação de algumas substâncias. Normalmente, essas águas estão sobre o fundo ou solo de terra preta e lamacenta, cheias de imundícias e de sais voláteis dos répteis e insetos que depositam seus ovos neles ou em suas margens e morrem. As plantas e ervas, quando murcham e se decompõem, assim como o lixo que as águas da chuva arrastam, fazem com que essas águas adquiram qualidades desagradáveis e muitas vezes nocivas. É por isso que eu qualifico neste ponto o paladar dos índios Mbayas como extravagante, porque mesmo que parem nas margens de algum rio de boas águas, se houver uma lagoa próxima, bebem dela. Os índios Guanas, quase que por necessidade, fazem o mesmo em seus bosques, bebendo áreas inundadas e com juncos, cuja água chega a ter gosto e cheiro de lama. As lagoas com solo arenoso limpo e algum fundo sempre tinham água boa, principalmente se houvesse uma nascente nelas, ou próxima, que as abastecesse.” (Tradução minha).

seus conhecimentos estão perpassadas pelo estranhamento decorrente, primeiramente do contato, e, posteriormente, da missionação e da experiência cotidiana nas reduções.” (Fleck e Joaquim, 2019, p. 35). Também podemos notar o quanto a percepção do missionário é orientada pelos seus filtros culturais culminando na reprodução de esteriótipo e estranhamentos ao longo de sua obra (Lima, 2019). Apesar do estranhamento, em muitos momentos observa-se também uma admiração pelos conhecimentos que os nativos detinham e até a assimilação de algumas práticas, principalmente daquelas ligadas à cura, como se pode observar no uso de certas plantas, emplastos e bebidas. Para Pratt (2005, apud Lima, 2019, p.7) essa assimilação é fruto direto da “transculturação” compreendida como “zona de contato” na qual não apenas o grupo dominado assimila elementos culturais de seus dominadores, mas também os colonizadores assimilam práticas dos colonizados. No tomo I do *Paraguay Natural Ilustrado* encontramos alguns exemplos destas duas formas de reação aos saberes e práticas nativas, mesmo que atravessadas pelo estranhamento.

No capítulo VIII, *Elección de Agua, y algunas Bebidas del Paraguay*, o autor relata o consumo da erva mate, sendo que Sánchez Labrador relata as diferenças entre o mate bebido pelos espanhóis e o *caáygua* consumido pelos indígenas. O jesuíta observa que o primeiro grupo bebia a erva do Paraguai como um chá, com água quente, um pouco de açúcar e, por vezes, algumas gotas de limão, destacando também os benefícios dessa forma de consumir a erva mate, dentre os quais estariam a promoção do suor e da urina e alívio do corpo (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 370).

Já os indígenas usavam a erva do Paraguai para preparar uma bebida fria chama *caáygua*, sendo que entre seus benefícios estariam a promoção de uma transpiração suave e o alívio do cansaço causado pelo sol e pelo calor excessivo (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 369). Além de citar as diferenças e os benefícios dessas bebidas, Sánchez Labrador registra sua própria experiência para legitimar a prática indígena da *caáygua*: “Yo la he usado del mismo modo innumerables veces, especialmente en viajes, y además de experimentar el frescor en la sangre, adverti, que con la Hierba se corrige el agua, que no hace daño, aunque se beba sudando” (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 369).¹⁷

Além dessa passagem, também encontramos outra na qual o autor registra a apropriação de práticas indígenas por parte dos missionários. No capítulo X, intitulado, *Agua*

¹⁷ “Eu a tenho usado do mesmo modo inúmeras vezes, especialmente em viagens, e também experimentei frescor no sangue, reparei que com a erva se corrige a água, o que não causa dano mesmo que a beba suando” (Tradução minha).

subterraneas, Disposición interior de la Tierra Indicios de donde hay agua, y algunas virtudes de esta, o jesuíta menciona o uso da água em procedimentos terapêuticos e relata o tratamento a que foi submetido com as águas de um rio.

Los Medicos Italianos, y algunos españoles hablan de muchas curaciones felices por medio de sola la agua fría, la que ellos prescriben como un remedío poco menos que universal. Son liberales en su administración, y en un día le dan a beber al paciente quince, veinte, y aun veinte y cinco libras de agua enfriada con Nieve, o Hielo, y bañando al mismo tiempo varias partes del cuerpo con agua también fría; o también aplicando sobre essas partes la misma Nieve. Con este método, y medicamento tratan las calenturas, las Biruelas, la Hydropesía, y otros males. [...] A vista de esto no de vera causar novedad la robuztes, y salud, que gozan los Indios Infieles, los quales apenas conocen otra bebida ordinaria sino la de pura agua fría, y por bebida, ususal, esta es la única. En sus enfermedades la medicina universal, tomada a bulto, y sin dosis, ni descreción, el el [sic] agua fría. Un cantaro de esta no hade faltar del lado del enfermo, o se le da quantas veces la pide: lo contrario entre tales [Guetes] pasara plaza de inhumanidad. [...] Sus baños se pueden llamar continuos, conque limpian, refrescan, y fortalecen sus cuerpos. Las Llagas en las piernas, y otras partes del cuerpo con el Balsamo del agua fría, lavandolas a menudo, se curan. En el Paraguay Catholico insinue el remedío, que me sugirlo un Indio Infiel en ocasión de haverseme abierto muchas llagas en las piernas en un largo, y trabaxoso viage. Probe varias cosas, y aun medicamentos de Botica, los quales, aunque surtían algun bien efecto, no era permanente, y con facilidad se abrían las mismas, u otras; tenianme como clavado en una Cruz, siendo tan necesarios los pasos en una Reducción Nueva, qual era la de Nuestra Señora de Belen de Indios Mbayas, y hallándome distante de ella mas de cien leguas. Viendome el Infiel afligido, me dixo: Mi Padre, curate como Nosotros; luego que llegemos a la orilla de algun río, o de otra agua, labate bien las piernas, y sanaras. Asi lo hacemos Nosotros y nos va bien, como su mismos erestestigo. Tome el consejo de Infiel, y cierto que no fue necesaria otra medicina: que se a pocos lavamientos del todo sano, y no repitieron las Llagas.¹⁸ (Sánchez Labrador, 1771, Tomo I, p. 389).

¹⁸ “Os médicos italianos, e alguns espanhóis falam de muitas curas por meio somente de água fria, que prescrevem quase como um remédio universal. Eles são liberais em sua administração e, em um dia, dão ao paciente quinze, vinte e até vinte e cinco libras de água resfriada com neve ou gelo para beber e tomar banho, ao mesmo tempo despejam água fria por várias partes do corpo ou também aplicam sobre essas partes neve. Com este método e medicação tratam febres, varíola, edema e outros males. [...] Em vista disso não deveria ser novidade a robustez, e saúde que gozam os indígenas infieis, os quais dificilmente conhecem outra bebida a não ser a água pura e fria. Nas suas doenças a água fria é o remédio universal tomado a granel, e sem doses, nem decreto. Não deve faltar um cântaro de água ao lado do doente, e é dado quantas vezes ele pedir, caso contrário, será desumano [...]. Seus banhos podem ser chamados de contínuos, por isso limpam, refrescam e fortalecem o corpo. As feridas nas pernas e outras partes do corpo são curadas com bálsamo de água fria, lavando-as frequentemente. No *Paraguay Catholico* indiquei o remédio, que me foi sugerido por um “índio infiel” por ocasião de ter aberto muitas feridas nas pernas durante uma longa e trabalhosa viagem. Provei várias coisas, e até remédios do boticário, que embora tivessem algum efeito bom, não eram permanentes, e as mesmas, ou outras [feridas], abriam-se facilmente, parecia que eu tinha sido pregado numa cruz. Sendo os passos tão necessários em uma redução nova, que era a de Nossa Senhora de Belém dos Índios Mbayas, e encontrando-me a mais de cem léguas dela, vendo-me aflito, o infiel me disse: “meu padre, cura-te como nós, logo que chegarmos à margem de algum rio, ou de outra água, lave bem as pernas e você ficará curado. É assim que fazemos e funciona bem para nós, como você mesmo é testemunha.” Segui o conselho de Infiel e é verdade que nenhum outro medicamento foi necessário, depois de algumas lavagens eu estava completamente são e as chagas não voltaram.” (Tradução minha).

Considerando que, para os jesuítas, os indígenas não possuíam a mesma autoridade de um cientista europeu (Fleck, 2016, p. 129) no que se refere às artes de curar, no registro acima encontramos práticas terapêuticas adotadas por médicos europeus, pois, através delas, Sánchez Labrador procurou legitimar as práticas curativas indígenas, aproximando-as dos conhecimentos e técnicas divulgados nos tratados e manuscritos de medicina e cirurgia que compunham o acervo das bibliotecas e das boticas dos colégios jesuíticos instalados nas mais diversas províncias da Companhia de Jesus.

Na maioria das citações selecionadas percebemos o interesse do autor em conhecer as propriedades das plantas medicinais americanas e as práticas curativas para o melhor atendimento dos nativos enfermos. Isso deve-se, primeiramente, à função que muitos missionários desempenhavam nas reduções, cuidando dos indígenas e de outros religiosos doentes, e, em segundo lugar, ao empenho de Sánchez Labrador de demonstrar a diversidade da natureza americana e de suas potencialidades de aproveitamento econômico e farmacêutico (Fleck, 2023).

Considerações finais

Ainda que o *Paraguay Natural Illustrado* não tenha sido escrito com a preocupação de produzir uma história ambiental das regiões da Província Jesuítica do Paraguai, entendemos que, por meio de uma análise do Tomo I, podemos identificar “uma percepção histórica sobre processos de mudança ambiental, produzidos por uma interação entre fatores humanos e naturais [...]” (Pádua, 2003, p. 86). E, no caso do capítulo que analisamos neste artigo, também podemos perceber “cómo instancias del agua son producidas y cómo el agua producida, reconfigura las relaciones sociales” (Garnero, 2023, p.101).¹⁸ Em razão disso, o capítulo intitulado *Agua, y varias cosas a ella pertenecientes*, além de nos oferecer a localização, a classificação e caracterização das águas do território do atual Paraguai, nos apresenta também a relação que os indígenas mantinham com a água, em especial, os distintos usos que faziam das águas dos rios, lagos e lagunas.

A análise dos capítulos do Tomo I apontou também para situações de admiração do autor em relação a certas práticas nativas, como nas menções aos banhos nos rios, e de apropriação de procedimentos de cura adotados pelos indígenas, como se pode constatar nos relatos do emprego da água fria e do mate bebido com água fria no tratamento de certas enfermidades. Isto, contudo, não impediu o jesuíta de manifestar seu estranhamento, como na passagem em que menciona o costume dos Mbayas e Guanas de beberem águas consideradas

de má qualidade. Estes registros, perpassados pelo estranhamento e pela admiração, foram marcados tanto pela condição de religioso e pela formação teológica do autor, quanto pelos pressupostos da teoria hipocrático-galênica em vigor no século XVIII, que ficam evidentes tanto nas obras e nos médicos por ele citados, quanto na caracterização que Sánchez Labrador fez das causas das doenças e das práticas curativas nativas.

A análise revelou também que as relações que os indígenas mantinham com as águas do território que compreendia a Província Jesuítica do Paraguay não eram comuns e universais, visto que Sánchez Labrador registrou diferentes práticas sendo adotadas por diferentes grupos, assim como também os indígenas não são descritos da mesma forma, havendo aqueles que são tidos como “práticos sábios e inteligentes” e outros como “infiéis”. (Fleck; Joaquim, 2019).

De forma inequívoca, a obra *Paraguay Natural Ilustrado* constitui-se em fonte extremamente rica para a análise não apenas da atividade missionária desenvolvida pelos missionários da Companhia de Jesus, mas, também, para a discussão das repercussões da “Polêmica do Novo Mundo” na produção intelectual jesuítica e dos efeitos da circulação de saberes relacionados às artes de curar e à exploração dos recursos naturais, a fim de, desta forma, potencializar os estudos sobre o meio-ambiente sul-americano e as alterações que ele sofreu após a instalação das reduções, colégios e fazendas da ordem jesuíta.

Fonte

SÁNCHEZ LABRADOR, José. **Paraguay Natural Ilustrado**. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes. Ravenna. (1771-1776). Manuscrito. Archivo Histórico de la Compañía de Jesús (ARSI), Roma.

Referências

BARCELOS, Artur H. F. A cartografia indígena no Rio da Prata Colonial. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 45-58, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/issue/view/397> Acesso em: 19 jun. 2024

CAPOZZI, Rebeca. Formigas, ovos e formigueiros: uma análise sobre as propriedades terapêuticas e a utilidade dos animais em *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776). **Temporalidades**, v. 11, n. 3, p. 135-155, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/16101> Acesso em: 19 jun. 2024

CARVALHO, Marieta Pinheiro de; SARMIENTO, Érica. As reformas burbônicas e josefinas e a expulsão dos jesuítas na ibéria setecentista. In: AMANTINO, Márcia; FLECK, Eliane Cristina Deckmann; ENGEMANN, Carlo. **A Companhia de Jesus na América por seus**

colégios e fazendas: aproximações entre brasil e argentina (século XVIII). Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 183-213.

DA CONCEIÇÃO FAGUNDES, M. D. A peste em regimentos de epidemia ibéricos (século XIV). **História Revista**, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 7–25, 2023. DOI: 10.5216/hr.v28i1.75300. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/75300>. Acesso em: 19 jun. 2024.

FARION, Sônia Rejane Lemos. Litoral do Rio Grande do Sul: rio, lago, lagoa, laguna. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 167-186, 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/115/73> Acesso em: 19 jun. 2024

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. As Artes de Curar em um Manuscrito Inédito de Setecentos: O Paraguay Natural Ilustrado do Padre José Sánchez Labrador (1771-1776). São Leopoldo: Editora Oikos; Editora Unisinos, 2015.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Para a Glória de Deus Nosso Senhor: a atuação da companhia de Jesus na América Platina (séculos xvii e xviii). In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; AMANTINO, Marcia (Org.). **Franciscanos, jesuítas e beneditinos na América colonial, séculos XVI-XVIII**. São Leopoldo: Oikos, 2023.

FLECK, E. C. D. Saúde, doença e morte no Paraguay Natural Ilustrado, do padre jesuíta José Sánchez Labrador (1771-1776). **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 192–213, 2019. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/8156> Acesso em: 19 jun. 2024

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. A Companhia de Jesus e artes de curar na América Platina Setecentista: uma análise de manuscritos jesuítas inéditos JESUÍTICOS INÉDITOS. **Revista de Estudos de Cultura**, [S. l.], n. 5, p. 119–136, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/5938> Acesso em: 19 jun. 2024

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; JOAQUIM, Mariana Alliatti. Sobre os “Hijos del Paraguay” e as “Personas naturales inteligentes”: uma análise dos relatos sobre saberes e práticas tradicionais indígenas no Paraguay Natural Ilustrado, de José Sánchez Labrador S. J. (1771-1776). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 123-140, 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-37512017000200003&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 19 jun. 2024

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. As artes de curar na América Platina Setecentista: uma análise de manuscritos jesuítas de matéria médica. **Formulário Médico**: manuscrito atribuído aos Jesuítas e encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba, [S.L.], p. 73-110, 2019. Editora Fiocruz.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In JUNQUEIRA, Mary Anne. FRANCO Stella Maris Scatena. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011. v. 2. Disponível em: <https://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>. Acesso em: 18 set. 2024.

GARNERO, Gabriel. La Historia Ambiental y las Investigaciones Sobre el Ciclo Hidrosocial: Aportes para el Abordaje de la Historia de los Ríos. **Revista de Estudios Ambientales**, Buenos Aires, p. 45-56, 2023. Disponível em: <https://www.halacsolcha.org/index.php/halac/article/view/331> Acesso em: 19 jun. 2024

JOAQUIM, Mariana Alliatti. Bastaba esta general insinuación de la utilidad, que saca la Medicina de los Insectos, para apreciarlos [...]: um estudo das virtudes terapêuticas de insetos

na obra *Paraguay Natural*, do padre jesuíta José Sanchez Labrador. **Revista Latino-Americana de História**, v. 3, n. 12, p. 70-84, 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/506> Acesso em: 19 jun. 2024.

LAGUNA In: *Real Academia Española: Diccionario de la lengua española*, 23.^a ed. 2014. Disponível em: <https://dle.rae.es/laguna> Acesso em: 19 jun. 2024

LIMA, Fernando Henrique de Almeida. Relatos de viagem como fonte historiográfica: principais abordagens, limitações e possibilidades. In: **2 Encontro Internacional História e Parcerias**, 2019, Rio de Janeiro. p. 1-17.

OLIVEIRA, Flávia Preto de Godoy. Epistemologia, crônicas e natureza: uma reflexão sobre a chamada polêmica do Novo Mundo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH**, p. 1-14, 2011.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 67-82, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Q4JBvrMMzw6gBvWhsshKXN/abstract/?lang=pt> Acesso em: 19 jun. 2024.

PATACA, Ermelinda Moutinho. **Terra, água e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808)**, Tese de Doutorado - Campinas, SP. [s.n.], 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/364616> Acesso em: 24 jun. 2024.